



CENTRO UNIVERSITÁRIO GOYAZES – UNIGOYAZES
CURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL

**O OLHAR DA TERAPIA OCUPACIONAL NA QUALIDADE DE VIDA E
SOBRECARGA FAMILIAR EM PAIS CUIDADORES DE CRIANÇAS COM
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**

Daniela Cristina Pereira da Silva
Simone Milagres Firmino

Orientadora: Prof.^a Esp. Bianca Estrozi

Trindade-GO

2023

CENTRO UNIVERSITÁRIO GOYAZES – UNIGOYAZES
CURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL

**O OLHAR DA TERAPIA OCUPACIONAL NA QUALIDADE DE VIDA DE PAIS E
CUIDADORES DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**

Daniela Cristina Pereira da Silva
Simone Milagres Firmino

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Centro Universitários
Goyazes – Unigoyazes como requisito
parcial à obtenção do título de Bacharel em
Terapia Ocupacional.**

Orientadora: Prof.^a Esp. Bianca Estrozi

Trindade – GO
2023

Daniela Cristina Pereira da Silva
Simone Milagres Firmino

**O OLHAR DA TERAPIA OCUPACIONAL NA QUALIDADE DE VIDA DE PAIS E
CUIDADORES DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Centro Universitários
Goyazes – Unigoyazes como requisito
parcial à obtenção do título de Bacharel em
Terapia Ocupacional, aprovada pela
seguinte banca examinadora:

Prof.^a Orientadora: Esp. Bianca Estrozi
Centro Universitário Goyazes

Prof.^a Me. Israel da Silva Arantes
Membro Interno Unigoyazes

Marielle Ribeiro Vieira
Membro Externo

Trindade – GO
12/06/2023

O OLHAR DA TERAPIA OCUPACIONAL NA QUALIDADE DE VIDA DE PAIS E CUIDADORES DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Daniela Cristina Pereira da Silva¹; Simone Milagres Firmino¹; Bianca Estrozi²

RESUMO

INTRODUÇÃO: O autismo é um distúrbio do desenvolvimento que se manifesta em idades muito precoces, antes dos três anos de idade, e caracteriza-se por um quadro comportamental peculiar que envolve as áreas da interação social, da comunicação e do comportamento. Sendo assim, a dinâmica de cuidados e atenção destinada a estas pessoas requer mudanças significativas na rotina familiar e significativos prejuízos na qualidade de vida. **OBJETIVOS:** Analisar as contribuições da terapia ocupacional na qualidade de vida de pais e cuidadores de pessoas com Transtorno do Espectro Autista. **METODOLOGIA:** Foi adotada a revisão de bibliográfica e análise qualitativa dos dados. **RESULTADOS:** Foi identificada a sobrecarga emocional, física, financeira e psicológica de pais e cuidadores ao serem obrigados a renunciar sua vida para dar lugar aos cuidados da criança com TEA e renunciar seus próprios interesses. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Faz-se necessário um olhar integral às famílias que recebem o diagnóstico de TEA, considerando-se a complexidade do processo de adaptação que vivenciam. Nesse sentido a TO pode contribuir de forma significativa na intervenção de pais e cuidadores. Faz-se importante pontuar que ainda há poucas publicações sobre o tema.

PALAVRAS-CHAVE: TEA. Terapia Ocupacional. Qualidade de Vida. Pais. Cuidadores.

¹Acadêmicas do Curso de Terapia Ocupacional do Centro Universitário Goyazes – UniGoyazes

²Orientador: Prof. Especialista, do Centro Universitário Goyazes – UniGoyazes

THE PERSPECTIVE OF OCCUPATIONAL THERAPY ON THE QUALITY OF LIFE OF PARENTS AND CAREGIVERS OF CHILDREN WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER

ABSTRACT

INTRODUCTION: Autism is a developmental disorder that manifests itself at very early ages, before the age of three, and is characterized by a peculiar behavioral picture that involves the areas of social interaction, communication and behavior. Therefore, the dynamics of care and attention for these people requires significant changes in the family routine and significant damage to their quality of life. **OBJECTIVES:** To analyze the contributions of occupational therapy in the quality of life of parents and caregivers of people with Autism Spectrum Disorder. **METHODOLOGY:** Literature review and qualitative data analysis were adopted. **RESULTS:** The emotional, physical, financial and psychological burden of parents and caregivers was identified when they were forced to give up their lives to make room for the care of the child with ASD and renounce their own interests. **FINAL CONSIDERATIONS:** A comprehensive look at families who receive the diagnosis of ASD is necessary, considering the complexity of the adaptation process they experience. In this sense, OT can significantly contribute to the intervention of parents and caregivers. It is important to point out that there are still few publications on the subject.

KEYWORDS: TEA. Occupational Therapist. Quality of Life. Caregivers. Country.

Dedicatória

Dedico este trabalho primeiramente à Deus, que inúmeras vezes me fortaleceu e sustentou diante às adversidades. À minha querida e amada família, que pacientemente compreendeu minhas ausências e ao meu pai que tornou realidade um grande sonho.

Simone Milagres Firmino

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado saúde e força para superar todas as adversidades e me permitiu a conclusão de mais uma graduação.

A minha família que superou as inúmeras ausências e se permitiu alçar comigo novos voos, entendendo que a mudança acontece com pequenos gestos e sacrifícios no presente, sem vocês nada disto seria possível! De forma muito especial ao meu pai, que mesmo tão distante se fez presente em todos os momentos, principalmente naqueles de maior fragilidade e medo, me fortalecendo e encorajando em mais uma grande conquista.

A minha orientadora Bianca Estrozi, que generosamente me imbuíu de todo suporte metodológico e científico, pelas correções, orientações, grande incentivo e empatia. A Marielle por todos os direcionamentos e por guiar-me nos primeiros passos da terapia ocupacional e a todos os professores por me proporcionar o conhecimento teórico e humanizado.

A todos que, direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, minha GRATIDÃO!

Simone Milagres Firmino

Dedicatória

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, que sempre me guia nos momentos de adversidades. Aos filhos amados que suportou a ausência da mãe, apoiando a caminhada e ao meu pai herói que sempre me motivou, incentivou e participou dessa luta da tão sonhada graduação.

Daniela Cristina

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela minha vida e por permitir ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo da realização deste trabalho. Aos meus pais e filhos que me incentivaram nos momentos difíceis e compreenderam a minha ausência enquanto me dedicava à realização deste trabalho.

A professora Bianca Estrozzi, por ter sido minha orientadora e ter desempenhado tal função com dedicação e amizade. As professoras Nilva e Marielle, pelas correções e ensinamentos que me permitiram apresentar um melhor desempenho no processo de formação profissional ao longo do curso.

Aos amigos e colegas de curso, com quem convivi intensamente durante os últimos anos, pelo companheirismo e pela troca de experiências que me permitiram crescer não só como pessoa, mas também como profissional.

Daniela Cristina Pereira da Silva

INTRODUÇÃO

O cuidado às pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo - TEA, é um grande desafio, pois exige muito do cuidador e na maioria dos casos se sentem sobrecarregados. Segundo Souza et al. (2015), a sobrecarga acontece no cuidador por não estar preparado para encarregar-se das tarefas e obrigações atribuídas a ele, podendo prejudicar sua própria saúde, desestabilizando-se emocionalmente.

Sendo assim, o cuidador é submetido a uma carga horária estendida e constante que gera uma demanda de esforço intenso, na qual envolve uma rotina de desgastante físico, social, emocional e financeiro (NOGUEIRA; SOUZA; CASARIN, 2014). Sabe-se que o ato de cuidar pode se tornar um fator estressor gerando na maioria das vezes ansiedade e medo.

Desta forma, a rotina e as relações dos cuidadores tornam-se um grande motivo de estresse, uma vez que passam por uma sequência de estágios. Como por exemplo o impacto do diagnóstico, isto é, o “luto”, que representa a perda do filho saudável e idealizado pela família e principalmente pela mãe.

A definição sobre o termo autismo passou por diversas mudanças durante anos, e hoje ela é definida pelo manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM-V), como transtorno do espectro autista, sendo classificado sob diferentes perspectivas como, por exemplo, a da psicanálise, a da psiquiatria e a psicoeducacional. De acordo com a Classificação Internacional de doenças, CID-11 (OMS, 2018), o transtorno do espectro do autismo é caracterizado por déficits persistentes na capacidade de iniciar e manter a interação social recíproca e de comunicação social e por uma série de restritos, repetitivos e padrões inflexíveis de comportamento e interesses. Desde sua descoberta, o TEA tem suscitado inúmeras discussões e controvérsias em relação ao seu diagnóstico, causas e consequentemente tratamentos adequados (GUEDES, 2015).

O autismo é um transtorno global do desenvolvimento infantil que se manifesta antes dos três anos de idade. De acordo com Gaiato; Reveles; Silva (2012), o autismo caracteriza-se por um conjunto de sintomas que prejudica as áreas da socialização, comunicação e do comportamento, sendo a interação social a mais comprometida.

Geralmente, as crianças autistas têm atividades e interesses restritos e repetitivos. Apresentam dificuldades em lidar com o inesperado, demonstrando pouca

flexibilidade para mudar as rotinas. Diante da presença desses sintomas, o contexto familiar sofre rupturas imediatas na medida em que as atividades rotineiras são interrompidas e o clima emocional se modifica.

De acordo com Sprovieri e Assumpção (2001), as dificuldades apresentadas pela criança impossibilitam a renovação das normas e dos valores sociais na família e a manutenção do convívio social. Schimdt e Bossa (2003), afirmam que existem características próprias do comportamento da criança autista as quais somadas à severidade desse transtorno podem constituir estressores em potencial para a família e cuidadores. Neste sentido, um dos grandes desafios consiste em como cuidar dos familiares que zelam de pessoas e cuidadores com TEA, proporcionando maior qualidade de vida.

Segundo a Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF), qualidade de vida (QV) se refere a um processo de construção do bem-estar subjetivo a partir do que as pessoas sentem sobre suas condições de saúde (OPAS, 2003).

Para amenizar o estresse desses familiares, algumas estratégias de enfrentamento são extremamente relevantes como o aconselhamento informativo, o suporte social e a participação desses pais e cuidadores em atividades sociais. Quanto ao tratamento específico da criança autista, ele deve ser conduzido por uma equipe multidisciplinar, onde o terapeuta ocupacional ocupa lugar de destaque. Pois, contribui nas sessões de estimulação para o desenvolvimento dessa criança, além do apoio e acolhimento dado aos familiares.

Considerando o exposto, o presente estudo tem como objetivo analisar a contribuição da terapia ocupacional no que se refere a qualidade de vida de pais e cuidadores de crianças diagnosticadas com TEA. Esperando com isso aguçar o olhar do terapeuta ocupacional e da classe profissional acerca da importância de acolher as demandas de pais e cuidadores, visando proporcionar estratégias para a melhoria da qualidade de vida.

METODOLOGIA

Na realização do presente estudo foi abordada uma Revisão de Bibliografia, de abordagem qualitativa dos dados. O método objetiva reunir conhecimentos teóricos a respeito do tema selecionado para investigação. Para este desenvolvimento, foram cumpridas as seis etapas recomendadas por Mendel et al. (2008), referentes a: identificação do tema e formulação da questão de pesquisa, estabelecimento dos critérios de inclusão/exclusão, definição das informações a serem extraídas dos estudos selecionados, avaliação dos estudos incluídos, interpretação dos resultados e apresentação/síntese do conhecimento (MENDES et al., 2008). Foi utilizado como método de pesquisa bibliográfica o Estado da Arte, que objetiva:

[...] mapear e discutir certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários (FERREIRA, 2002, p.258)

Com base na escolha do tema e definição dos objetivos, a questão norteadora do estudo consistiu em: “ Qual a contribuição da terapia ocupacional na qualidade de vida de pais e cuidadores de crianças autistas?”, sendo definido para efetivação das buscas as bases de dados Google Acadêmico, Scientific Eletronic Library Online – Scielo, bem como consultas em periódicos: Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo, Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional e Revista Interdisciplinar de Saúde e Educação Ribeirão Preto, Revista Psicologia e Saúde, Cadernos de Psicologia de Juiz de Fora.

Como descritores, utilizou-se o emprego da combinação entre os termos: qualidade de vida e cuidadores de autistas (quality of life and autistic caregivers), estresse parental no autismo e terapia ocupacional (parenting stress in autismo and occupational therapy), fatores estressores e autismo (factors stressors and autism).

Os critérios de inclusão adotados foram: artigos publicados nos últimos 5 (cinco) anos, a obrigatoriedade de o artigo apresentar a palavra “autismo”, “qualidade de vida” ou similares no título e/ou resumo e/ou palavra-chave, explicitar no resumo aspectos relacionados à qualidade de vida de pais e cuidadores, a publicação estar em português e disponível na íntegra.

RESULTADOS

Dos 30 artigos encontrados na busca, 22 foram excluídos, totalizando 8 artigos selecionados conforme os critérios de inclusão.

A composição dos resultados foi categorizada na tabela 1, conforme Autor e ano de publicação. Objetivo, metodologia e contribuições para mães e cuidadores de TEA.

Tabela 1

Título do artigo, ano de publicação e autores	Objetivo	Metodologia	Principais resultados encontrados
O processo de adaptação e desempenho ocupacional de mães de crianças no transtorno do espectro autista. Roiz; Figueiredo, 2023.	Investigar a adaptação e o desempenho ocupacional das mães de filhos com TEA.	Estudo descritivo transversal quantitativo	As mães demonstraram que a adaptação a seus filhos envolve fatores como transmissão do diagnóstico, informação, características dos filhos, condições socioeconômicas, resiliência, crenças e expectativas pessoais.
Desempenho Ocupacional de cuidadores de crianças com transtorno do espectro autista (TEA): uma revisão da literatura. Montenegro; Coimbra, 2020.	Identificar as mudanças ocorridas no desempenho ocupacional de cuidadores de crianças com TEA.	Levantamento bibliográfico.	Foram identificadas mudanças físicas e psicológicas no desempenho ocupacional dos cuidadores, bem como prejuízos na qualidade de vida.

Adaptação familiar ao diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista: uma compreensão da vivência de famílias. Leoni; Jábali; Rodrigues, 2020.	Investigar a adaptação familiar ao TEA em decorrência do diagnóstico na família.	Estudo qualitativo	Foram encontradas quatro categorias de relatos que interferem na rotina da vida familiar, sendo: Impacto familiar, adaptação familiar, redes de apoio e perspectivas de futuro.
Revisão Integrativa sobre a vivência de mães de crianças com Transtorno do Espectro Autista. Constantinidis, 2020)	Identificar a sobrecarga das mães de crianças com TEA e as formas encontradas por elas para lidar com as dificuldades cotidianas.	Revisão Integrativa	Grande sobrecarga emocional das mães devido a perda do filho idealizado, confusão de sentimentos, como medo e estresse ao lidar com o preconceito. Também necessidade de auxílio no cuidado com a criança com TEA.
Estresse Parental e Autismo. Duarte, 2020.	Entender as principais características do autismo que contribuem para a promoção do estresse no meio familiar.	Revisão bibliográfica	O suporte social, programas de orientações para pais e o apoio psicológico constituem alternativas para amenizar situações estressantes do cuidador de TEA.
Qualidade de vida de mães de crianças com Transtorno do	Avaliar a qualidade de vida de mães com filhos autistas e correlacioná-la com	Pesquisa quantitativa	Houve correlação significativa entre a escolaridade materna o domínio físico e

Espectro Autista. Mattiazzi, 2019.	variáveis sociodemográficas, obstétricas e dados da criança.		entre a variável “capacidade da criança em interagir com outras crianças” e o domínio social das mães.
Estresse parental de crianças com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão teórica. Costa; Santos; Santos; 2018.	Realizar revisão teórica de pesquisa sobre estresse parental de crianças com Transtorno do Espectro Autista.	Revisão teórica	A figura feminina, geralmente as mães são as que mais sofrem com o estresse de indivíduos com TEA
Estresse em mães de crianças do Espectro Autista: um estudo correlacional. Ferreira, 2018.	Avaliar a relação entre o diagnóstico de autismo e a instalação de estresse em suas genitoras.	Estudo correlacional	As mães apresentam estresse considerável tendo em vista às situações desafiadoras que envolvem a criação e educação de uma criança com autismo.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

DISCUSSÃO

Diagnóstico e suas consequências para a família

O transtorno do espectro autista (TEA) foi propagado no ano de 1943, pelo pesquisador alemão, radicado nos EUA, Leo Kanner. O TEA é um transtorno do neurodesenvolvimento, de início precoce que prejudica o modo como o indivíduo se socializa e se comunica, possui alterações comportamentais que se apresentam de maneiras diversas (STELZZER, 2010).

O Manual de Diagnóstico e Estatística de Doenças Mentais (American Psychiatric Association, 2013), também referido como DSM-V, estabelece que para critérios diagnósticos, os déficits devem ser persistentes na comunicação e interação social em diversos contextos, tendo padrões repetitivos de comportamento, de

interesse ou de atividades, com sintomas presentes precocemente e causarem prejuízo clínico significativo.

O DSM-V destaca que as pessoas com TEA são representadas por diferentes graus de gravidade e sintomas, devido a um desalinho na gravidade e sintomatologia que representam déficits nas áreas de comunicação, interação social, pela existência de comportamentos inadequados, padrões restritos e estereotipias. Também informa que as dificuldades surgem logo na primeira infância causando limitações no dia a dia.

Para Onzi e Gomes (2015, p.189) O transtorno do Espectro Autista é definido da seguinte maneira:

O TEA é considerado um transtorno que vai além da sua complexidade, distante de ser definido com exatidão, pois não existe meios pelos quais se possa testá-lo, muito menos medi-lo. Em outras palavras, as pesquisas realizadas atualmente estão distantes no sentido de apresentarem a cura para o autismo, acompanhando o indivíduo por todo seu ciclo vital (ONZI; GOMES, 2015, p.189).

Segundo Kupfer (2000) o conhecimento de um diagnóstico não garante o destino e o modo de vida de um indivíduo, pois cada diagnóstico carrega em si uma rede de significados socialmente definidos que podem aprisioná-lo dentro de determinados estereótipos e representações. A autora ressalta que essa rede de significados contribui para o processo de exclusão, marginalização e imobilismo perante a vida. O diagnóstico, no entanto, ocasiona importantes impactos no contexto familiar (Pinto et al., 2016).

Diante do diagnóstico, algumas famílias podem se adaptar positivamente à realidade na adaptação com o filho com necessidade especial e outras podem vivenciar o processo de cuidado com profundo desgaste e desajuste familiar (Matsukura & Sime, 2008).

No início, o descobrimento da gravidez gera nos pais expectativas no que se refere ao filho que irá nascer, principalmente, a mãe, que idealiza o filho ou a criança ideal, com características de uma criança típica. Ao receberem o diagnóstico de TEA, os pais vivenciam um sentimento de perda diante de seus sonhos e expectativas criadas em relação aos seus planos e concomitantemente, precisam encontrar maneiras de enfrentar essa nova realidade, adaptando-se a ela. Muitas vezes, antes mesmo de o diagnóstico ser confirmado, as famílias já convivem com a tentativa de identificar os sintomas apresentados pelas crianças, necessitando aprender a lidar com eles (MACHADO; LONDERO; PEREIRA, 2018).

Após o diagnóstico, a família vivencia um sentimento de perda em relação a criança idealizada, desencadeando assim, um processo de luto por esta. Este processo pode acarretar dificuldades no estabelecimento de vínculo com a criança, ao passo em que os pais tendem a considerar apenas o transtorno do filho e os problemas causados por ele (SILVA; VIEIRA; SCHNEIDER, 2016).

De acordo com Silva, Vieira e Scheider (2016), a família é para a criança o primeiro ambiente socializador e provedor dos cuidados básicos necessários para satisfação de suas necessidades, como proteção, assistência econômica e emocional, exercendo influência significativa em seu desenvolvimento. Estas atribuições são ainda mais acentuadas em famílias de crianças com TEA, pois precisam adaptar-se à maior demanda de dedicação e proporcionalmente de cuidados as necessidades especiais ofertadas pelo filho, além de lidar com o luto e a inevitabilidade de ajustar suas expectativas e planejamentos futuros.

Sendo assim, o nascimento de uma criança com necessidades especiais dentro de uma família, favorece o surgimento de angústia, sofrimento, causando incertezas devido ao contato com o inesperado. As reações dos pais são de espanto, tristeza profunda, negação e desespero. Geralmente esses pais desejam que esta criança nunca tivesse nascido. Então, toda estrutura familiar tem que modificar e se adaptar a este novo contexto, pois as relações geralmente se tornam mais difíceis por conta da severidade do transtorno que progride em termos de gravidade dos sintomas. O surgimento de estressores se tornam evidentes por causa da demora na obtenção do diagnóstico, da dificuldade da compreensão de um grande volume de informações, do dispêndio de tempo e dinheiro e da manutenção de um senso de controle (Cruz; Santos; Souza 2015).

Fávero e Santos (2005), afirma que as intensas mudanças nas atividades diárias dessas famílias, indica uma sobrecarga emocional, física e financeira, além do estresse e das incertezas em relação ao futuro dos filhos em função da sua dependência. Para Whitman (2015), ser pai ou mãe de uma criança autista é bastante desafiador e pode resultar em problemas no relacionamento com a criança. Uma dificuldade particular que os pais às vezes enfrentam é para a formação do apego com o filho autista. O autor destaca que as mães percebem menos gratificação e prazer no relacionamento entre elas e a criança autista. Os desafios mais difíceis que estas famílias enfrentam são as mudanças de papéis imprevistas, que, inevitavelmente, ocorrem após o diagnóstico da criança. Em muitos lares, os pais

decidem que um deles, muitas vezes a mãe, deverá cuidar do filho. Então esta se sente compelida a adiar ou abandonar seus objetivos pessoais, educacionais e profissionais.

Sobrecarga e estresse de pais e cuidadores

Para Misquiatti et al. (2015), a sobrecarga e o estresse são aspectos altamente relevantes e vivenciados por familiares de crianças autistas e ocorrem devido ao comprometimento dessas crianças, que demanda, diversas alterações na dinâmica familiar resultando em sobrecarga física e mental e altos níveis de estresse.

A criança com TEA constantemente requer cuidados para além do ambiente domiciliar, como psicoterapia, fonoaudiologia, terapia ocupacional e consultas médicas, o que demanda tempo dos pais e dos cuidadores que muitas vezes necessitam renunciar a seus empregos para dedicarem exclusivamente às demandas do filho, gerando alto nível de sobrecarga e estresse (Faro et al., 2019; Fávero & Santos, 2005; Misquiatti et al. 2015).

Indubitavelmente, as famílias que se encontram em circunstâncias especiais, promotoras de mudanças nas atividades de vida diária e no funcionamento psíquico de seus membros, deparam-se com uma sobrecarga de tarefas e exigências especiais que podem suscitar situações potencialmente indutoras de estresse e tensão emocional (Lipp; Guevara, 1994).

Em relação ao estresse, Lipp (2000), descreve que ele é capaz de produzir um número significativo de consequências para sua família, para o cuidador, a comunidade e local onde vive. No âmbito psicológico e emocional do ser humano, o estresse excessivo produz cansaço mental, dificuldades de concentração, apatia e indiferença emocional. A produtividade sofre quedas e a criatividade fica prejudicada, dúvidas começam a surgir em virtude da percepção do desempenho insatisfatório. Surgem crise de ansiedade e humor deprimido, a libido fica reduzida e os problemas de ordem física se fazem presentes (Paulino, Prezotto, Frias, Bataglia, & Aprile, 2015).

Misquiatti et al. (2015) afirmaram que o estresse e a sobrecarga gerada pelas demandas da criança podem, conseqüentemente, contribuir para o desenvolvimento de um quadro depressivo, que afeta não só pais e cuidadores como também a criança. Do mesmo modo, Fávero e dos Santos (2005) ressaltaram que mães e pais de crianças com TEA apresentam diferentes tipos de estilos de enfrentamento, que

muitas vezes refletem em desfechos como depressão, isolamento social e dificuldades conjugais.

Segundo Koegel e cols. (1992), as famílias de autistas revelam um nível geral alto de preocupação quanto ao bem-estar de suas crianças depois que os pais não puderem providenciar mais cuidados para elas. O prejuízo cognitivo da criança é um dos focos de estresse dos pais nas suas preocupações com as inabilidades linguísticas e cognitivas das crianças.

Khanna et al. (2012), afirma que a sobrecarga em cuidadores pode ser definida como a percepção desses pais e cuidadores sobre a saúde emocional e física, vida social e situação financeira proveniente do cuidado realizado, que pode ser intensificado devido, por exemplo, ao grau do transtorno, à comorbidade médica, à idade do cuidador, à precariedade dos serviços de apoio e à dificuldade financeira (Vogan et al., 2014). Cuidadores de pessoas com TEA muitas vezes apresentam isolamento, ocorrido pela dificuldade de adaptação da criança ao ambiente social, e com a falta de apoio social, imposto muitas vezes pelo próprio cuidador, apresentam altos níveis de estresse (Barbosa, 2010; Costa, Steffgen & Ferring, 2017; De Andrés-García, Moya-Albiol & González-Bono, 2012; Hodge & Hoffman & Sweeney, 2011; Khanna et al., 2012).

O impacto do TEA na qualidade de vida de pais e cuidadores

De acordo com a Organização Mundial da Saúde – OMS (1993), a qualidade de vida (QV) está relacionada à percepção que o indivíduo tem de sua posição na vida, nas relações sociais estabelecidas, nos sistemas de valores em que está inserido, nas expectativas, nos padrões e nas preocupações. Nessa perspectiva, a QV é compreendida subjetivamente, já que está relacionada às percepções de cada ser, assumindo um caráter multidimensional que envolve características socioculturais, econômicas, pessoais e elementos positivos e negativos (Fleck ET AL., 2000; Minayo; Hartz; Buss, 2000; Seidl; Zannon, 2004).

Mães e filhos com alguma deficiência e/ou transtorno do neurodesenvolvimento, ao atrelarem seu modo de viver em função destes filhos, sobrepõem as demandas deles as suas próprias demandas, e suas ocupações enquanto mulheres são deixadas em segundo plano ou até mesmo esquecidas (Guerra et al., 2015). As mães que não possuem apoio familiar para partilhar os

cuidados com os filhos, ficam com o tempo para si restringido e não conseguem realizar suas ocupações (Conceição et al., 2020).

Segundo Pontes & Araújo (2022), para mães de filhos no TEA, é incongruente empenhar-se em ocupações significativas que não estejam ligadas ao cuidado do filho. Diante deste único propósito de vida, a existência enquanto mulher é anulada.

Ao considerarmos que todo ser humano é um ser ocupacional e que o desempenho de cada ocupação constitui uma experiência única para cada pessoa (Polatajko et al., 2013) o significado que cada ocupação tem para cada mãe é singular e, por isso, conseguem desempenhar as ocupações que gostariam mesmo após o nascimento de seus filhos com TEA proporcionaria o resgate de sentidos para o viver e o sendo de identidade.

Alguns prejuízos na QV podem acarretar o desenvolvimento de sintomas depressivos e de ansiedade nos cuidadores e pais de crianças com TEA. Oien e Eisemann (2016) e Al-Farsi et al. (2016) afirmam que cuidadores e pais de crianças com TEA apresentam quadros elevados de ansiedade, estresse e depressão, proporcionalmente ao comprometimento intelectual, social e de comunicação da criança.

No estudo de Kousha, Attar e Shoar (2016), evidenciou-se que, como a compreensão geral das características comportamentais e da etiologia da criança com TEA é obscura, os pais têm dificuldades em estruturar suas vidas sociais, sejam elas familiares, parentais ou com a comunidade, sem se ater às necessidades já conhecidas da criança. Esse excesso de preocupação contribui para níveis elevados dos sintomas depressivos e de ansiedade, uma vez que o impacto do cansaço, da exaustão e da responsabilidade de incluir uma criança com necessidades especiais não se limita apenas aos aspectos psicológicos, mas a QV geral, aos *status* econômicos e aos suportes sociais.

Sendo assim, percebe-se a constante presença de fatores psicológicos e a necessidade de suporte social relacionados aos aspectos estressores e às modificações no âmbito geral da QV, que podem ecoar a níveis mais profundos, como transtorno depressivo e de ansiedade. Em complemento, Stoner e Stoner (2016) destacam que as condições de trabalho também apresentam alto impacto na QV de pais e cuidadores. O trabalho exerce o potencial de melhorar o significado pessoal, bem como o senso de autodeterminação, proporcionando melhores oportunidades para o trabalhador e para a família de forma geral. Entretanto, o que é mais frequente

em mães de crianças com TEA é a necessidade de abandonar ou reduzir a carga horária de trabalho. Isso significa a necessidade de lidar com o luto de não ter um filho dentro do desenvolvimento esperado, como também a perda de sua carreira, que normalmente é compreendida como parte da própria identidade.

Vasilopoulou e Nisbet (2016) ressaltaram que estes déficits relacionados à qualidade de vida dos pais e cuidadores de autistas podem ser resultado de uma alta tensão vinculada aos cuidados com o filho, poucas horas de sono e nível de estresse elevado. Estas questões contribuem para o mau funcionamento físico e mental do sujeito. Além disso, a estigmatização também pode estar relacionada com uma baixa qualidade de vida, assim como as demandas financeiras e o aumento da responsabilidade ao cuidar de uma criança com TEA, o que pode limitar as oportunidades dos pais em se relacionar com outras pessoas, diminuindo a capacidade em mudar positivamente seu ambiente.

Estratégias de Enfrentamento e Intervenção do Terapeuta Ocupacional

O Contato diário da criança autista com familiares e cuidadores possibilita o surgimento de um estresse acentuado por causa das características típicas que envolvem este transtorno. Por isso, se torna necessário buscar alternativas que possam amenizar a vida das pessoas que são vítimas de tal fenômeno. Pelo fato do autismo ser uma condição permanente, torna-se necessário buscar alternativas que possam amenizar a vida dos familiares (Schwartzman, 2003).

Segundo Amy (2001), o anseio dos pais é encontrar um espaço que possa fornecer acolhimento terapêutico e educativo aos seus filhos, dando-lhes amor e tempo disponível para que os pais possam continuar a trabalhar.

Sendo assim, o suporte social aponta como uma boa alternativa no que se refere ao apoio de pais e cuidadores de TEA. Também o acesso da família à assistência profissional competente e a bons programas educacionais; além de envolver o estabelecimento de vínculos interpessoais e grupais capazes de proporcionar sentimentos de proteção e apoio. É importante citar que altos níveis de apoio social resultam em menores índices de estresse entre os familiares como também a redução de problemas conjugais. Para Amy (2001), é importante a participação de crianças autistas em atividades fora de casa, e os serviços tradicionais de apoio familiar como aconselhamento, terapia de casal e treinamento de pais e

cuidadores, são atitudes que favorecem a família no entendimento do problema e no enfrentamento das restrições comportamentais da criança.

Gauderer (1993) comenta que os pais podem ajudar o filho autista e a eles, quando entram em contato com outros pais para a troca de experiências e vivências, evitando assim a repetição de dificuldades. A participação de pais e amigos de crianças autistas é benéfica, pois fazer parte de eventos promovidos por essas associações proporciona a sensação de estar realizando algo e não apenas aguardando alguém fazer por eles.

Por causa das características peculiares que envolvem as crianças autistas, as quais exigem dos pais e cuidadores extrema atenção, Bossa, Schmidt e Semensato (2010), relatam que o trabalho com grupo de familiares pode ser um auxílio para diminuir os níveis de tensão, porque proporciona conhecimento, oportunidade de troca de experiências e informações sobre o autismo. O tratamento grupal psicanalítico enfatiza que os atendimentos ocorram entre os pais permitindo assim novas elaborações em favor da criança, destituindo-a do lugar de ser somente “autista”.

Outra possibilidade para amenizar o estresse na família, como ressalta Schwartz (2003), é o uso de medicação que proporciona uma considerável estabilização dos sintomas como na função psicomotora e nas alterações comportamentais. Não existem medicações que possam tratar especificamente o autismo, mas elas são utilizadas para melhorar os sintomas alvos como irritabilidade, falta de atenção, hiperatividade/impulsividade, agressividade, insônia e comportamentos repetitivos.

O Ministério da Saúde (BRASIL, 2013), lançou a Cartilha Linha de cuidado para atenção às pessoas com transtorno do espectro ao autismo e suas famílias, onde comenta a importância do trabalho clínico de base psicanalítica e considera a singularidade de cada caso. A proposta desse trabalho é minimizar as dificuldades das pessoas autistas como as suas angústias. Os efeitos desse trabalho são o advento do fechamento do diagnóstico autístico a partir da relação de confiança, favorecendo a socialização. Acolher a família e incluí-la como parceira nesse trabalho, é fundamental para a continuidade e sucesso dele.

Além disto, outras intervenções terapêuticas também podem contribuir no tratamento do autismo e amenizar o estresse familiar. A Terapia Ocupacional como relata Teixeira (2016), tem por finalidade o ensino das habilidades cotidianas para tornar a criança mais independente possível. As habilidades treinadas podem incluir

se vestir, alimentar e tomar banho. O objetivo desta terapia é a busca por algum grau de autonomia e independência.

O papel do terapeuta ocupacional que visa contribuir no processo de promoção de vida e saúde, na vida do cuidador poderá auxiliar na reorganização de suas ocupações, promovendo o bem-estar físico e emocional. Desta forma, as contribuições da terapia ocupacional são de extrema relevância, pois atuará na busca da produtividade, favorecendo ações construídas no cotidiano de acordo com o contexto social vivido por cada indivíduo, priorizando sua realidade e singularidade (MINATEL MM E MATSUKURA, 2014).

Portanto, as intervenções da terapia ocupacional dedicam-se a criar oportunidades para que o indivíduo se envolva em ocupações, conduzindo-o a participar de acontecimentos que tragam significado para sua vida. O terapeuta ocupacional desenvolverá em comum acordo com o cliente propiciando metas ao indivíduo com o objetivo de melhorar a saúde, reconstruindo suas ocupações, dando-lhe melhor qualidade de vida, reduzindo os níveis de estresse e adequando seu desempenho ocupacional (AOTA, 2015; ESTANIESKI II e GUARANY NR, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A missão de cuidar de uma criança com TEA é causa de grande sobrecarga para pais e cuidadores, e isto impacta em mudanças nas atividades de vida diária (AVD), atividades instrumentais de vida diária (AIVD), tais como participação social, lazer, descanso e sono sendo que a principal alteração se refere a falta de tempo em realizá-las.

Sendo assim, ressalta-se a necessidade de voltar o olhar para os cuidados e atenção às necessidades de quem cuida, haja vista que as mudanças e incertezas que vivenciam causam grandes prejuízos a saúde mental, física, a vida social, familiar e financeira. Consequentemente, a qualidade de vida é alterada de forma abrupta e negativamente.

A terapia ocupacional por ter como proposta proporcionar qualidade de vida e autonomia, pode contribuir de forma significativa na intervenção de pais e cuidadores, pois é capaz de proporcionar conforto, informação e segurança a este público, o que reflete diretamente em benefícios para a criança e todo o meio familiar.

Pela escassez de literatura abordando a temática, percebe-se a necessidade de mais estudos e pesquisas na área. Uma vez que, o tema é de grande relevância

tendo em vista o crescente número de diagnóstico de pacientes com TEA e considerando que a família representa fator preponderante no cuidado da pessoa com TEA.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA MSC, SOUSA- Filho LF, RABELO PM, SANTIAGO BM. Classificação Internacional das Doenças - 11ª revisão: da concepção à implementação. *Rev. Saúde Pública*. 2020; 54:104.

AMERICAN OCCUPATIONAL THERAPY ASSOCIATION (AOTA). Estrutura da prática da Terapia Ocupacional: domínio & processo - 3ª ed. traduzida. Revista De Terapia Ocupacional Da Universidade De São Paulo, 2015; 26(esp), 1-49.

American Psychiatric Association. (2013). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (5th ed.). Arlington, VA: American Psychiatric Publishing.

AMY, Marie Dominique. **Enfrentando o autismo**: a criança autista, seus pais e a relação terapêutica. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

APA – ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*: DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

AVELAR, Maria Stela de Figueiredo. Autismo e família: uma pequena história de amor. 1ª ed. São Paulo: EDUSC, 2001.

BARBOSA, M. R. P. (2010). *Suporte social e qualidade de vida em famílias de crianças incluídas no espectro autístico*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paula, SP.

BOSSA, C. A; SCHMIDT, C; SEMENSATO, M. R. Grupo de familiares de pessoas com autismo: relatos de experiências parentais. **Aleteia**, v.32, p. 183- 194, 2010. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/aletheia/article/view/3532>. Acesso em: 10/03/2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Linha de Cuidado para atenção às pessoas com transtorno do espectro do autismo e suas famílias no SUS**. Brasília, 2013. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/linha_cuidado_atencao_pessoas_transtorno.pdf... Acesso em: 15/ 04/ 2023.

BUSCAGLIA, L. F. (2006). Os deficientes e seus pais. 5ª edição. *Rio de Janeiro: Editora Record*.

CONCEIÇÃO, A. C. S., FREITAS, B. C., COSTA, L. M. P., SAMPAIO, E. C., COSTA, E. F., OLIVEIRA, L. S. M., & BATISTA, D. E. F. (2020). As influências do cuidar nos papéis ocupacionais dos pais de crianças com paralisia cerebral. In E. F. Costa & E. C. Sampaio (Orgs.), *Desenvolvimento da criança e do adolescente: evidências científicas e considerações teóricas-práticas* (pp. 213-226). Guarujá: Editora Científica Digital.

COSTA, A. P., Steffgen, G., & FERRING, D. (2017). Contributors to well-being and stress in parents of children with autism spectrum disorder. *Research in Autism Spectrum Disorders*, 37, 61-72. doi: 10.1016/j.rasd.2017.01.007

COSTA, P.G.L.; SANTOS, L. F.; SANTOS, M.F. Estresse parental de crianças com transtorno de espectro autista: uma revisão teórica. **Journal of Specialist**. [S.L], v.4, n. 4,

out./dez. 2018. Disponível em: <http://138.197.159.243/jos/index.php/jos/article/view/118>
Acesso em: 11 abr. 2023.

CRUZ, Mafalda Luzia Coelho Madeira da; SANTOS, Ellen Aparecida dos Reis; SOUZA, Danielle Assis de. **Crianças com necessidades especiais**: importância da intervenção essencial para o desenvolvimento emocional e afetivo. Curitiba: Juruá, 2015.

De ANDRÉS-GARCÍA, S., MOYA-ALBIOL, L., & GONZÁLEZ-BONO, E. (2012). Salivary cortisol and immunoglobulin A: responses to stress as predictors of health complaints reported by caregivers of offspring with autistic spectrum disorder. *Hormones and Behavior*, 62(4), 464-474. doi: 10.1016/j.yhbeh.2012.08.003

DUARTE, Maria Mônica Venância; FARIA, Hila Martins Campos. Estresse parental e autismo. **Cadernos de Psicologia**, Juiz de Fora, v. 2, n.4, p. 290-307, jul./dez. 2020. Disponível em:

<http://seer.uniacademia.edu.br/index.php/cadernospsicologia/article/view/2842/1918> Acesso em: 11 març. 2023.

ESTANIESKI II, GUARANY NR. Qualidade de vida, estresse e desempenho ocupacional de mães cuidadoras de crianças e adolescentes autistas. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*. 2015; 26(2): 194-200.

FARO, K. C. A., SANTOS, R. B., BOSA, C. A. WAGNER, A. & SILVA, S. S. C. (2019). Autismo e mães com e sem estresse: análise da sobrecarga materna e do suporte familiar. *Psico* 50(2), 1-11. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2019.2.3008>

FAVERO, M. A. B., SANTOS, M. A. (2005). Autismo infantil e estresse familiar: uma revisão sistêmica da literatura. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(3), 358-369. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722005000300010>

FERREIRA, Arlanny Evely de Albuquerque Carneiro. Estresse em mães de crianças do Espectro Autista: Um estudo correlacional. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação de Psicologia). Centro Universitário de João Pessoa, João Pessoa, 2018.

FERREIRA, N. S. A. As pesquisas denominadas “Estado da Arte”. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 79, p. 257-272, ago. 2002.

GAIATO, Mayara Bonifácio; SILVA, Ana Beatriz Barbosa; REVELES, Leonardo Thadeu. **Mundo singular**: entenda o autismo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

GALLO-PENNA, E. C. (2006). Qualidade de vida de mães de pessoas com diagnóstico de autismo. *Cadernos de pós-graduação em distúrbios do desenvolvimento*, 6 (1). Retirado de <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgdd/article/view/11156/6887>

GAUDERER, E. Christian. **Autismo**. 3ª ed. São Paulo: Atheneu, 1993.

GUERRA, C. S., DIAS, M. D., FERREIRA FILHA, M. O., ANDRADE, F. B., REICHERT, A. P. S., & ARAÚJO, V. S. (2015). Do sonho a realidade: vivência de mães de filhos com deficiência. *Texto & Contexto Enfermagem*, 24(2), 459-466.

HAMER, B. L., MANENTE, M. V., & CAPELLINI, V. L. M. F. (2014). Autismo e família: revisão bibliográfica em bases de dados nacionais. *Psicopedagogia*, 169-177.

HODGE, D., Hoffman, C. D., & SWEENEY, D. P. (2011). Increased Psychopathology in Parents of Children with Autism: Genetic Liability or Burden of Caregiving? *Journal of Developmental and Physical Disabilities*, 23(3), 227-239.

KHANNA, R., MADHAVAN, S. S., SMITH, M. J., TWOREK, C., PATRICK, J. H., & Becker-Cottrill, B. (2012) Psychometric Properties of the Caregiver Strain Questionnaire (CGSQ) among caregivers of children with autism. *Autism: The International Journal of Research and Practice*, 16(2), 179-199. doi: 10.1177/1362361311406143

LANDIM, Ana Carolina Carvalho; MOREIRA, Márcio Borges. Autismo estratégias para cuidar de quem cuida. 1ª ed. Brasília: Instituto Walden4, 2021.

LEONI, Pedro Henrique Tertuliano; JÁBALI, Marisa Brufato Ferraz Capuzzo; RODRIGUES, Alessandra Ackel. Adaptação familiar ao diagnóstico de transtorno do espectro autista: uma compreensão da vivência de famílias. **Rev. Interdisciplinar de Saúde e Educação**. Ribeirão Preto, v.1, n. 2, 2020. Disponível em: <https://periodicos.baraodemaua.br/index.php/cse/article/view/120> Acesso em: 12 març. 2023.
Lipp, M. E. N. (2000). *Manual do Inventário de Sintomas de Stress para adultos de Lipp: ISSL*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

MACHADO, M. S.; LONDERO, A. D.; Pereira, C. R. R. Tornar-se família de uma criança com Transtorno do Espectro Autista. **Contextos Clínicos**, v. 11, n. 3, p. 335-30, set-dez 2018.

MANUAL DE DIAGNÓSTICO E ESTATÍSTICA DE DISTÚRBIOS MENTAIS (DSM-5). 5ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

MATTIAZZI, Ângela Leusin et al. Qualidade de vida de mães de crianças com transtorno do espectro autista. **Res., Soc. Dev.** v.8, n. 11, 2019. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7167408> Acesso em: 21 abr. 2023.

MATSUKURA, T., & SIME, M. (2008), Demandas e expectativas de famílias de crianças com necessidades especiais: de situações do cotidiano aos técnicos envolvidos no tratamento. *Temas sobre Desenvolvimento*, 16(94):214-220

MENDES, K. D. S., SILVEIRA, R. C. C. P., & GALVÃO, C. M. (2008). Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 17(4), 758-764. <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072008000400018>

MINATEL MM e MATSUKURA TS. Famílias de crianças e adolescentes com autismo. Ver. Ter. Ocup. Univ. São Paulo, 2014; 25(2):126-34

MISQUIATI, A. R. N., BRITO, M. C., FERREIRA, F. T. S., & JUNIOR, F. B. A. (2015). Sobrecarga familiar e crianças com Transtornos do Espectro do Autismo: perspectiva dos cuidadores. *CEFAC*, 17(1), 192-200. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0216201520413>

MONTENEGRO, Karina Saunders et al. Desempenho ocupacional de cuidadores de crianças com transtorno do espectro autista (tea): uma revisão da literatura. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**. Vol. Sup.n. 56. Disponível em:

<https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/4033/2461> Acesso em: 18 març. 2023.

Organização Pan-Americana da Saúde-OPA (2003). Classificação internacional de funcionalidade, incapacidade e saúde. São Paulo: EDUSP.

PINTO, Alinne Souza; CONSTANTINIDIS. Revisão integrativa sobre a vivência de mães de crianças com transtorno de espectro autista. **Revista Psicologia e Saúde**. Espírito Santo, v. 12, n. 2, maio/ago. 2020. Disponível em:

<https://pssaucdb.emnuvens.com.br/pssa/article/view/799/1103> Acesso em: 25 març. 2023.

PINTO, R. N. M., TORQUATO, I. M. B., COLLET, N., REICHERT, A. P. S., SOUZA Neto, V. L., & SARAIVA, A. M. (2016). Autismo infantil: Impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 37(3), e61572. <https://dx.doi.org/10.1590/1983-1447.2016.03.61572>

POLATAIKO, H. J., TOWNSEND, E. A., & CRAIK, J. (2013). Canadian Model Of Occupational Performance and Engagement (CMOP-E). In: E. A. Townsend & H. J. Polatajko (Eds.), *Enabling Occupation II: advancing an occupational therapy vision of health, well-being, & justice through occupation*. Ottawa, ON: CAOT Publications ACE.

PONTES, A. B. M., & ARAÚJO, L. S. (2022). Sentidos da maternagem para mães de crianças com transtorno do espectro autista. *Brazilian Journal of Health Review*, 5(1), 3908-3928.

ROGERS, Sally J.; DAWSON, Geraldine; VISMARA, Laurie A. Autismo compreender e agir em família. 1ª ed. Lidel, 2015.

ROIZ, Roberta Giampá; FIQUEIREDO, Mirela de Oliveira. O processo de adaptação e desempenho ocupacional de mães de crianças no transtorno do espectro autista. **Caderno Brasileiro de Terapia Ocupacional**. São Carlos, 31, e 3304, 2023. Disponível em:

<https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/4033/2461> Acesso em: 12 abr. 2023.

SCHIMDT, C; BOSSA, C. A investigação do impacto do autismo na família: revisão crítica da literatura e proposta de um novo modelo. **Interação em Psicologia**, v. 7, nº 2, p. 111- 120, 2003. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/3229/2591> ... Acesso em 20/03/2023.

SCHWARTZMAN, José Salomão. **Autismo infantil**. São Paulo: Memnon, 2003.

SILVA, M. L. I. da; VIEIRA, M. L.; SCHNEIDER, D. R. Envolvimento paterno em famílias de criança com transtorno do espectro autista: contribuições da teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano. **Bol. - Acad. Paul. Psicol.**, São Paulo, p. 66-85, jan. 2016. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2016000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 11 abril 2023.

SPROVIERI, M. H. S; ASSUMPÇÃO Jr; F. B. Dinâmica familiar de crianças autistas. **Arquivo de neuropsiquiatria**, v. 59, n. 2, p. 230-237, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/anp/v59n2A/a16v592a.pdf...> Acesso em 10/04/2023.

TEIXEIRA. Gustavo. **Manual do autismo**. Rio de janeiro: Best Seller, 2016.

VASILOPOULOU, E., & NISBET, J. (2016). The quality of life of parents of children with autism spectrum disorder: A systematic review. *Research in Autism Spectrum Disorders*, 23, 36–49. <https://doi.org/10.1016/j.rasd.2015.11.008>

VOGAN, V., LAKE, J. K., WEISS, J. A., ROBINSON, S., TINT, A., & LUNSKY, Y. (2014). Factors associated with caregiver burden among parents of individuals with asd: differences across intellectual functioning. *Family Relations*, 63(4), 554-567. doi: 10.1111/fare.12081